

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 3

Tomo I



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000

Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul ..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português.....	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e industrialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem.....	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond.....	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luíza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLAUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos.....	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÊAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva ..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa .	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial .	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

APRESENTAÇÃO

O número da revista *Veredas* que agora se publica contempla, nos seus dois tomos, algumas das mais significativas participações no VI Congresso Internacional de Lusitanistas.

Culminando uma dinâmica de crescimento que importa registar, o VI Congresso foi um momento privilegiado de encontro dos lusitanistas de todo o mundo. No Brasil, grande país onde a Língua Portuguesa constantemente se renova e afirma como fecundo e singular idioma de cultura, em Agosto de 1999, o VI Congresso permitiu evidenciar o potencial agregador da Associação Internacional de Lusitanistas, graças também ao culto de uma diversidade – de disciplinas, de temas e de orientações metodológicas – que constitui, só por si, um importante capital de investimento científico e cultural. Professores, investigadores e escritores de diferentes nacionalidades, gerações e formações, fizeram do VI Congresso um momento de reflexão conjunta, plural e aberta, como devem ser os congressos científicos; a congregar todas as participações, a consciência comum de que a Língua Portuguesa é, ao mesmo tempo, veículo de estudo e tema de indagação, nos diferentes países e universidades em que as culturas e as literaturas de expressão portuguesa são pólo de agregação de estudiosos e de unidades de investigação e de docência.

Os dois tomos do número 3 de *Veredas* traduzem muito do que acima fica dito. E o que neles se encontra – a par do que será ainda publicado, em edição electrónica – ficou a dever-se à capacidade motivadora e organizativa da equipa que deu corpo ao VI Congresso, sob a liderança de Cleonice Berardinelli, a quem, com justiça e propriedade, alguém chamou um dia “aula magna da literatura portuguesa”.

Publicar os textos que se seguem, nestes dois tomos, é também uma forma de homenagear a comissão organizadora do VI Congresso.

Este é o primeiro número de *Veredas* da responsabilidade da direcção eleita no congresso do Rio de Janeiro. E neste número, o que com *Veredas* se pretende é justamente dar a continuidade merecida ao trabalho dos anteriores corpos directivos, na certeza de que assim se consolida a Associação Internacional de Lusitanistas e se reforça a razão de ser da sua existência.

Tal como aconteceu com os dois números anteriores, também este é publicado graças à generosidade da Fundação Eng. António de Almeida. Por isso mesmo, deve aqui ser prestada, na pessoa do Doutor Fernando Aguiar-Branco, a justa homenagem de gratidão que as circunstâncias justificam.

CARLOS REIS

Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII

MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO

Portugal, Universidade de Lisboa

Nos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa existe uma obra curiosa que documenta aspectos da mentalidade portuguesa dos finais do séc. XVII e inícios do séc. XVIII, assim como a influência da cultura clássica greco-latina. Trata-se de um manuscrito inédito em seis volumes (códices alcobacenses 322 a 327), intitulado:

Oraculo Poetico para intelligencia dos Poetas antigos ou Diccionario Fabuloso para lição dos modernos.

É seu autor João Barbosa de Araújo que nasceu em Alcobça em 1675. São estas as informações do frontispício da obra e da notícia registada por Diogo Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, Tomo IV, 1769.

Lembremos, nas suas linhas gerais, as origens da tradição astrolátrica e astrológica que o *Dicionário Fabuloso* utiliza para nos comunicar noções sobre mitologia e sobre ficções que de uma maneira geral denomina de “fábula”.

A astrolatria e a astrologia, que está em conexão com a primeira, são aspectos da interpretação da mitologia que nos legou a

Antiguidade, além de outras como o evemerismo e a interpretação alegórica¹.

Uma interpretação tradicional da mitologia que Seznec² denomina *Tradition Physique* é aquela que consiste em divinizar os astros.

A nomenclatura dos astros com os nomes de entidades mitológicas favoreceu a crença de que estes eram divindades. Cícero, no *De Natura deorum* (II, 15), escrevera: "*Tribuenda est sideribus... divinitas*".

Na época de Cícero (séc. I a. C.) a identificação dos deuses com os astros designados pelos seus nomes já estava difundida. Deve observar-se, no entanto, que esta identificação, completa no fim da Antiguidade, se fez gradualmente. Começou em Homero com o nome de algumas constelações e no séc. V um grande número de constelações já é denominada com nomes míticos. No IV séc. a. C. surge o tratado de Eudoxo de Cnido, obra científica que, no entanto, difunde a astrolatria com o seu vocabulário mitológico. No séc. III a. C., o poema de Arato segue na mesma esteira. Arato de Solos, na Cilícia (315-240/239 a. C.), publica o poema astronómico *Phaenomena*, que é a versificação do tratado de Eudoxo acima citado. Calímaco, o grande poeta alexandrino, dedicou versos cheios de louvor a Arato (*Ep.*, 460). O poeta de Solos converteu-se em discípulo do poeta e erudito Menécrates, natural de Éfeso, pátria de Zenódoto, o célebre bibliotecário de Alexandria³.

Arato é citado pelo nosso mitógrafo. Este poema astronómico foi traduzido para o latim por Cícero e por César Germânico, filho de Druso e neto de Octávia (morto em 19 d. C.).

¹ Publicámos estudos sobre as diversas interpretações da mitologia em várias revistas; *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, em 1998; nas *Actas* do Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, realizado em Coimbra em 1998.

² Jean Seznec, *La Survivance des Dieux Antiques*, Paris, Flammarion, 1993, p. 49 e ss.

³ R. Pfeiffer, *History of Classical Scholarship. From the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*, I, Oxford University Press, 1968 (trad. esp., Madrid, Gredos, 1981, p. 175).

O nosso erudito do sec. XIX, José Vicente Gomes de Moura⁴ indica, entre as edições antigas das traduções dos *Phaenomena* a seguinte:

Arati phaenomena et prognostica, interpretibus M. T. Ciceroni, Rufo Festo Avieno, Germanico Caesare, Paris, 1559.

Cronologicamente, a Arato segue-se Eratóstenes (284 – 204) cuja obra dá o remate da evolução: cada uma das constelações recebe uma significação mitológica e os próprios signos do Zodíaco são relacionados com os mitos. O Leão é o que Héracles matou em Némea; o Touro foi o que raptou Europa, etc. Deste modo a astronomia e a mitologia passam a estar confundidas: Higino, por exemplo, é astrónomo e mitógrafo ao mesmo tempo. As *Fabulae* são atribuídas a Julius Higinius, que se não deve confundir com o liberto de Augusto, erudito bibliotecário da Biblioteca de Apolo no Palatino. “Segundo hipótese de Rose, a obra seria da época dos Antoninos”⁵. A bibliografia, contudo, alimenta essa confusão.

Pierre Grimal observa acerca das *Fabulae* de Higino⁶: «Contém, classificadas por categorias, as versões mais aberrantes das lendas clássicas. A colectânea apresenta lacunas e revela sob certos aspectos a ignorância do autor, mas tem o mérito de conservar o enredo de peças perdidas dos grandes trágicos gregos, o que torna possível seguir a evolução do tema lendário, distinguindo-o dos acessórios literários.» Observa também: «O texto de Higino é lacunoso, os nomes próprios estão mutilados, as contradições e até os absurdos não faltam.»

Às *Fabulae* há que acrescentar outra obra: *Astronomia poética*. Ora este autor figura na bibliografia de João Barbosa de Araújo. Não indica o mitógrafo, como é costume, de que edição se serviu. De Higino e de Arato há edições conjuntas com outros autores que se dedicaram à astronomia, alguns dos quais também são citados pelo nosso mitógrafo (Paléfato, autor grego do IV séc. a. C., e Fulgêncio, autor

⁴ *Notícia Succinta dos Monumentos da Língua Latina e dos Subsídios Necessários para o Estudo da Mesma*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1823, p. 100 e 101.

⁵ Pierre Grimal, “Introdução”, *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Difel, 1995 (Versão portuguesa dirigida por Victor João Vieira Jabouille).

⁶ *Id.*, *ibid.*

latino do V séc. d. C). Registamos duas edições que nos parecem mais informativas e que poderiam ter sido compulsadas por João Barbosa de Araújo: a edição de Basileia, *apud Ioan. Hervagium*, 1535, e a de Lugdunum (Lião de França), *apud Joannem De Gabiano*, 1608.

Entretanto, na época de Higino e já antes, introduziram-se na astronomia greco-latina, noções e designações de mitologia egípcia e caldaica. A partir do fim da República Romana, os astros não são apenas considerados sob o patrocínio deste ou daquele deus, mas são designados pelos próprios nomes dos deuses e identificam-se com cada uma das divindades. Nos últimos séculos do paganismo, a divindade dos astros afirma-se sem contestação, sob o influxo das crenças orientais, e a astrolatria como a astrologia dominam as mentalidades. O cristianismo combate, em princípio, a astrologia porque esta acarreta uma negação do livre arbítrio. Lactâncio (*De Div. Inst.*) e S. Agostinho (*Civ. Dei*), entre outros, fazem notar que é um crime deificar o mundo físico e adorar a criação em vez do Criador e acrescentam que a crença no poder dos astros conduz ao fatalismo. Mesmo os cristãos, contudo, fizeram muitas concessões à astrologia: uns admitem a influência dos astros, embora sem carácter fatal; outros consideram-nos demónios, sujeitos ao poder de Deus, etc.

A Idade Média e o Renascimento presenciaram um grande surto da astrologia. Grandes príncipes e até bispos e papas tomam astrólogos como conselheiros. Na decoração do Vaticano, o Zodíaco, as constelações, os planetas desempenharam um papel notável. A Medicina rege-se, nas suas intervenções junto dos doentes, pela marcha dos astros. Marsílio Ficino e Paracelso afirmam que o médico tem de relacionar o microcosmo com o macrocosmo⁷.

Copérnico e Galileu ultrapassaram a concepção astrológica do mundo e libertaram a ciência da magia, separando astronomia e astro-

⁷ Já tivemos ocasião de falar da influência da Astrologia nas sociedades europeias, portuguesa sobretudo, numa Comunicação apresentada ao V Congresso da A. I. L., intitulada: "João Barbosa de Araújo, um mitógrafo português dos sécs. XVII - XVIII: a presença das ciências ocultas na sua obra." Nessa Comunicação estudámos apenas a bibliografia portuguesa do mitógrafo. Ver o importante trabalho de J. V. de Pina Martins, aí citado: *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal. Les deux Regards de Janus*, Lisbonne, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1989.

logia, mas, fora dos círculos científicos, o assunto continua actual. Na nossa época até há jornais que publicam regularmente horóscopos e na Televisão os astrólogos são, por vezes, chamados a pronunciar-se.

Não é de admirar, pois, que João Barbosa de Araújo, nos fins do séc. XVII e inícios do séc. XVIII, embora lembrando a condenação da Igreja e afirmando que considera a astrologia coisa “fabulosa”, registe, após o nome de cada planeta, a correlação e a interdependência de todas as partes do cosmo. Além disso, lembra, a propósito de cada planeta, as relações quiromânticas (adivinhação pelas linhas da mão) com a astrologia, seguindo a doutrina do Padre Ignácio Vieira a cuja *Chiromancia* se refere inúmeras vezes⁸ e citando astrólogos de nomeada como Cardano, também referido por I. Vieira.

Jerónimo Cardan ou Cardano é um italiano, filósofo, médico e matemático que nasceu em Pavia em 1501 e morreu em Roma em 1576. Tornou-se muito conhecido na Europa como médico, mas entregou-se também à astrologia, à cabala, à teosofia e à magia. Publicou numerosas obras (cerca de duzentas e vinte e duas) sobre astrologia, medicina, matemática, etc. As suas doutrinas sobre quiromancia foram as que interessaram I. Vieira e, por intermédio deste, João Barbosa de Araújo.

Vejamos, como exemplo das suas digressões, segundo a ordem dos planetas no sistema planetário, o primeiro planeta, Mercúrio, e o que diz o mitógrafo sobre as influências e relações deste com o homem. No códice n.º 325, fol. 1 072 e segs., escreve acerca de Mercúrio (depois de uma longa relação dos vários Mercúrios e extensas considerações sobre o seu mito):

He Mercurio planeta, que influe conforme a boa companhia com que se junta; sendo por esta rezão huas vezes masculino e outras feminino; e outras duplica os influxos; de sorte que juntando-se cõ o Sol resulta influencia como de dous Sóes. Domina no 6.º mês da concepção; e às crianças compõem os

⁸ Esclarecemos que a citada *Chiromancia* é o manuscrito alcobacense n.º 4 324 em cuja redacção João Barbosa de Araújo provavelmente colaborou, tendo assistido às lições sobre quiromancia que I. Vieira proferiu no Colégio de S. Antão em 1712.

Sobre a permanência da Quiromancia até à actualidade é interessante registar um livro publicado em 1998 em Portugal, luxuosamente ilustrado, pela Editorial Impala, com o título: *A Arte de Ler as Mãos*. Trata-se da tradução do inglês: Lori Reid, *The Art of Hand Reading*, Londres, Dorling Kindersley Limited, 1996.

olhos, ouvidos, e narizes. Do corpo humano domina nos pés. Domina na segunda idade da puerícia, dos 4 até os 14 annos. Domina na parte Septentrional, ou 6.º clyma. Domina nos Letrados, Escrivães, Cantores, Pintores, e em todos os que tratão couzas subtiz, em que entrão Ladroes, e Mercadores. Influe dezejos de saber.

Os da natureza de Mercurio são de mediocre estatura; cabellos compridos, e torcidos nas pontas; rosto comprido (ou entre comprido, e redondo), pouco carnozo, cor morena: testa larga, e levantada, (ou entre larga e estreita), olhos medianos, pouco pretos e profundos; sobranceiras miudas, e pouco arqueadas: nariz afilado, e igual: beiços delgados (outros dizem que carnosos e robicundos), dentes mal postos; ou os superiores raros, e desiguaes; e os inferiores compostos e unidos: barba redonda, assignalada no meio; cõ pouco cabelo, e preto; os dedos das mãons compridos.

Os Mercuriaes são de natureza temperados, mas com facilidade recebem intenção de qualidades estranhas: são de habilidade para todas as artes; sabios, especulativos, amigos das sciencias, e aptos para ellas; velozes, diligentes; na conversação divertidos, promptos: promptos na execução das paxoens do animo; na distribuição da justiça rigorosos; mas com os desvalidos benignos: amão as perigrações, e astucias. Finalmente, quando se louva hu sujeito de engenho, etc. se diz ser Mercurial.

Enquanto aos Chiromantas, sigamos a opinião de João ab Indagine, que dá a Mercurio o monte ao pé do dedo minimo, posto que Cardan e Alchind. lhe dem o triangulo. Os que tiverem a natureza de Mercurio, serão fleumaticos; e alegres cõ os alegres; mas cuidado cõ elles, pella sua inconstancia. Se o monte de Mercurio for alto, e cheyo de linhas, significa má inclinação: se for talhado cõ muitas linhas, significa enfermidade na cabeça. Se as linhas forem bem expressas, indicação eloquencia, grande memoria, dezejo de saber couzas profundas, e ser pessoa de segredo. Sendo direitas e bem expressas, denotão fortuna no contratos, e letras: e se forem escuras, denotaraõ levianidades, roubos, mentiras, inconstancias, atrevimentos, doudices, pouca estimação, amancebamentos; e promptidão para feitiços. Se as linhas forem embaraçadas, dizem que será ladraõ.

Se sahirem linhas do dedo minimo, tantas forem, tantas feridas significão nas pernas. Linhas da restricta para o monte denotão que servirão cõ felicidade aos Princepes. Linhas direitas no monte significão filhos. Se forem atraveçadas para as costas da mão, cazamentos; e se estas forem cruzadas cõ outras, a mulher não levará bençaoñs. Quantas linhas houver no monte de Mercurio entre a linha mensal e o dedo minimo, ou auricular, tantas vezes cazará, ou haverá amancebamentos; ou os intencará.

Se hua linha correr do monte de Mercurio para o do Sol, significa que se desposará, mas não chegará a cazar: e se hua linha correr do monte da Lua para o de Mercurio, he sinal de captiveiro ou perigo disso. Tantos pon-

tos vermelhos, ou pretos, houver no monte de Mercurio, tantos amantes significação. Se houver hua crux no tal monte, denota riquezas. Triangulo, ou quadrângulo, herança de mercador. A letra D no monte de Mercurio significa ini-mizadas. Para se saber, em que idade succederão estas couzas, se medirão tres compaços desde a linha Mensal athe a raiz do dedo minimo; e por cada hum se cõtem 20 annos.

No dedo que corresponde ao monte de Mercurio, chamado Auricular, ou Minimo, *vulgò meminho*, se defronte dele houver hua forquilha, denota infir-midade vergonhoza. Se hua linha atraveçar o dedo pella sua raiz, significa que o sujeito será clérigo. Tantas houver entre a primeira e a 2.^a junta do dedo pela parte interior delle, tanto filhos terá, e se as linhas forem delga-das, serão filhas. Linhas direitas entre a 2.^a e 3.^a junta, bem claras, signifi-caõ filhos, e se as linhas forem tortas, serão filhas (e se as filhas forem como as linhas, serão geitozas).

Se hua linha corta a primeira ou a ultima junta, indica ferida nas cos-tas, ou dor de rins. Triangulo em qualquer junta, he sinal de trabalhos, e pobreza. Pontos fundos no dito dedo significação deleytes e amores, mas será contemplativo e aplicado às letras. Se houver manchas na unha do minimo significação honras. A linha de Mercurio na testa não tem significação, como se diz verbò Planetas. Para intelegencia do sobredito veja-se verbò Buenadicha.

Além de tratar extensamente dos outros planetas do sistema solar então conhecidos (considerações que nos abstemos de transcrever devido à sua extensão), para completar as noções sobre o sistema pla-netário e sobre a dependência do microcosmo em relação ao macrocosmo, João Barbosa de Araújo consagra uma entrada à palavra *Planetas* onde reúne as noções que não regista na entrada correspon-dente a cada um deles. Vejamos o que nos quer comunicar acerca da doutrina dos seus contemporâneos sobre o assunto:

Planetas – eram adorados dos Peruanos (Vossio, *d. Theolog. gentil.* 1. 2. c. 36). São 7 astros errantes: seus nomes, Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, Lua [...]. Do corpo humano se attribue a Saturno o braço, a Jupiter o figado, a Marte o sangue, ao Sol a cabeça, a Venus os rins e o semen geni-tal, a Mercurio a lingua e boca, à Lua o estomago (Ravasio, *Officin.* 1. 2. c. 1). Conforme os Physicos, Saturno comunica o humor, Jupiter o dezejo, Marte o sangue, o Sol o espirito, Venus os appetites, Mercurio o engenho, a Lua o corpo (Servio a Virgil. 11, v.º 51).

Os Metoposcopos (parentes dos Chiromantas) acomodão a cada planeta hua das linhas que na testa se divizaõ, a saber, à linha mais chegada à raiz

do cabelo, que atravessa a testa segundo a longitude, chamaõ linha de Saturno; à que se segue abaixo de Jupiter; à seguinte, de Marte; à outra, solar; a de Venus, Mercurio e Lua, vem a ficar entre as sobrancelhas e o nariz; estas correm debaixo para cima (Scarlat, apud Abreu, *Portugal Medico*, pg. 339, n.º 189).

Quem tiver mais, ou menos, faça a repartição como lhe parecer. Os Chiromanthas assignão hu monte na mão a cada planeta, como se diz no lugar de cada hum, com o mais.

Verificamos o que já sabíamos, isto é, que na época de João Barbosa de Araújo ainda não tinham sido descobertos os últimos três planetas que se conhecem hoje no sistema solar (Úrano, Neptuno e Plutão). A respeito do Sol, depois de uma longa exposição sobre o seu mito nos vários povos da Antiguidade, o nosso mitógrafo acrescenta:

Na ordem dos planetas, emquanto a nós, he o Sol o 4.º: maior que a terra cento e sessenta e seis vezes, e tres oitavos. A grossura do seu Ceo he de 113 074 leguas. Cumpre seu curso em 365 dias, 5 horas 49 minutos e 16 segundos (Avelar, *Reportorio*, trat. ttº 23) ou 48 minutos e 45 segundos (Vieira, *astron.* p.º 3, c. 5). A este planeta ou ao seu orbe, assiste a musa Melpomene. Electra, huma das Pleiades, he a alma da sua esfera. Tem no Ceo duas portas, huã para o Oriente, por onde sae; outra para o Ocidente, por onde se recolhe. Tem sua Caza no signo de Leo. Seu dia, o Domingo; sua noute, a de quarta feira.

Depois de extensa digressão sobre as “Horas plnetárias” conforme os dias da semana, de acordo com as concepções astronómicas ptolemaicas, passa à astrologia. E ficamos a saber que João Barbosa de Araújo, a pesar da vastíssima bibliografia consultada e citada, desconhece as descobertas de Copérnico (1473-1543), isto é, o heliocentrismo e o facto de o Sol não ser um planeta. Ele segue o sistema de Ptolomeu, imaginando a Terra o centro do universo e os planetas conhecidos, juntamente com o Sol, a girar em torno da Terra. Os “Sete céus” dos planetas envolvem a Terra, com o Sol em 4.º lugar, como o situa o nosso mitógrafo.

Ignorava, portanto, Copérnico, como ficou dito, e Galileu (1564-1642) ou não os nomeava por respeito pela Inquisição que condenara as teorias de Copérnico e forçara Galileu (1632) a abjurar? Não sabemos. O mais provável é que a livraria de que dispunha não estivesse

actualizada em astronomia, por motivos óbvios, relacionados com a Inquisição⁹.

Sendo o Sol assimilado aos planetas, é interessante que ele se refira à influência sobre o homem que, como os outros planetas, possui segundo a astrolatria e a quiromancia.

No meio de densas páginas dedicadas à mitologia do Sol (seus nomes, deuses que a ele se assimilam nos diversos povos, sua genealogia, seus casamentos e prole), o mitógrafo regista as relações entre o macrocosmo e o microcosmo (fol. 1490, cód. 327): «do corpo humano he consagrada ao Sol a cabeça e nella domina: como tãobem no cerebro, coração, estamago e dedo anular.»

Mas não são só os planetas nem o sol, considerado um deles, que, segundo a astrologia e quiromancia, exercem ação sobre os seres humanos. Também os signos do Zodíaco têm importância sob este aspecto. Na entrada *Signos* enumera os doze signos. Refere, em seguida, as outras constelações conhecidas pelos antigos e sobre as quais estes “fabulizaram” e indica que trata de cada signo e cada uma das outras constelações no lugar devido, a propósito do respectivo nome.

O que fica registado, em exposição muito resumida, exemplifica como o *Dicionário Fabuloso* de João Barbosa de Araújo se pode considerar um momento curioso das crenças e concepções astrolátricas e astrológicas que desde os Caldeus e Babilónios, passando pela Antiguidade greco-latina e pela Idade Média ocidental e oriental (árabe), chegaram até nós e sobrevivem nos horóscopos e sessões astrológicas dos meios de comunicação do nosso tempo¹⁰.

⁹ Quanto a Kepler, cita-o uma vez (códice 325, folha 950). Essa citação, porém, não é directa, mas em segunda mão, através do *Vocabulário* de Bluteau, a propósito das 18 estrelas da constelação da Libra (Balança). É de crer, portanto, que a obra de Kepler também estivesse ausente da livreria de que João Barbosa de Araújo se serviu.

¹⁰ Um artigo recente sobre astrolatria e astrologia, desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e o Renascimento, encontra-se publicado no Tomo I, p. 285 e segs. do Volume L da Revista *Humanitas* do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Coimbra: “Astrologia: Da Rejeição Patrística à Apologética Medieval”, por J. M. da Cruz Pontes.

